

**QUANDO AS CARTAS FALAM... PERSPECTIVAS PARA PUBLICAÇÃO DE
CORRESPONDÊNCIA EM SUPORTE DIGITAL E A NOVA EDIÇÃO DAS CARTAS DE
VINCENT VAN GOGH**

Silvana Moreli Vicente Dias
silmoreli@usp.br

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4773748D7>

RESUMO

Este texto pretende traçar um breve panorama crítico de edições de correspondência de escritores, artistas e intelectuais em suporte digital. Procura-se relacionar alguns desses projetos, academicamente empenhados, os quais podem ser acessados por leitores e pesquisadores de qualquer parte do mundo, bem como pôr em questão alguns dos pressupostos metodológicos que costumam embasar esse tipo de empreendimento, em especial quando se congregam texto e imagem. Especificamente, a nova edição da correspondência do pintor Vincent van Gogh [1853-1890] será abordada, de modo a se observar a produtividade de procedimentos editoriais empregados por seus organizadores, considerando a operabilidade da edição em suporte digital.

Palavras-chave: correspondência de escritores, artistas e intelectuais; edição digital; texto e imagem; Vincent van Gogh [1853-1890]

ABSTRACT

The objective of this text is to give a brief critical overview of some digital scholarly editions of letters of writers, artists and intellectuals. One aims to mention some of these academically engaged projects, which can be accessed by readers and researchers from anywhere, as well as to discuss some methodological assumptions that support this sort of production, especially when text and image are congregated. More specifically, the new edition of the correspondence of the painter Vincent van Gogh [1853-1890] will be focused, in order to observe the productivity of some editorial procedures employed by its editors, considering its operability in digital form.

Keywords: letters of writers, artists and intellectuals; digital scholarly edition; text and image; Vincent van Gogh [1853-1890]

No âmbito da publicação da correspondência de escritores, artistas e intelectuais em meio digital, tem havido um grande avanço nos últimos tempos. Essa área tem sido impulsionada por projetos ousados, realizados com muita competência, que procuram

fazer convergir interesse acadêmico – muitas vezes relacionado, pelo senso comum, a audiências seletas – e abertura de acesso para um público amplo, atraído quase sempre pela multiplicidade de leituras que uma carta pode proporcionar. Sem pretender ser exaustivo, este texto procura relacionar alguns desses projetos, academicamente empenhados, os quais podem ser acessados por leitores de qualquer parte do mundo, assim como discutir brevemente alguns dos pressupostos metodológicos que costumam embasar esse tipo de empreendimento. Em especial, a proposta é abordar algumas perspectivas para publicação de correspondência em meio digital, com especial ênfase à nova edição da correspondência do pintor Vincent van Gogh [1853-1890], organizada por Leo Jansen, Hans Luijten e Nienke Bakker (2009).

No artigo “Textonics: Literary and Cultural Studies in a Quantum World”, o editor e crítico literário Jerome MacGann, uma das maiores autoridades no assunto de publicações digitais, afirma: *“For as long as I’ve been an educator – since the mid-1960s – a system of apartheid has been in place in literary and cultural studies. On one hand we have editing bibliography, and archival work, on the other theory and interpretation”* (McGANN, 2003, p.2).¹ Se nos Estados Unidos a balança penderia para o lado da hermenêutica, segundo o autor, na Europa tradições filológicas bastante consolidadas dão um tônus renovado ao trabalho com material de arquivo. Embora a afirmativa seja uma generalização – com objetivo mais didático que polêmico –, a situação norte-americana não deixa de suscitar paralelos com nosso contexto de ensino e pesquisa, que, embora demande cada vez mais pesquisadores com uma ampla formação filológica, histórica e crítica, nem sempre tem sido eficaz em fomentar políticas de apoio ao preparo de edições ricamente anotadas em ambiente universitário, como parceiras dos esforços interpretativos, os quais tendem a predominar. A lacuna de edições críticas com parâmetros acadêmicos consistentes ainda é mais sentida se pensarmos como a era tecnológica pode impactar positivamente os meios de consecução e divulgação desse tipo de pesquisa no Brasil e no mundo. Conforme novas pesquisas de arquivo vêm à luz em nosso país, a constatação de que muito mais pode ser feito repropõe desafios.

1 Do autor, cf. também: McGANN, 2014, p.2014.

No Brasil, um número crescente de trabalhos publicados demonstra que muitos pesquisadores no país vêm trilhando um caminho promissor no sentido de editar, com bases metodológicas consistentes, a correspondência de escritores, artistas e intelectuais. Destaca-se, nesse contexto, a *Coleção Correspondência de Mário de Andrade*, projeto da Editora da Universidade de São Paulo e do Instituto de Estudos Brasileiros–USP, coordenado por Telê Ancona Lopez, Marcos Antonio de Moraes e Tatiana Longo Figueiredo, na medida em que procura estabelecer parâmetros modelares para editar o extenso conjunto da correspondência de Mário de Andrade, os quais vêm estimulando outras pesquisas e debates sobre como editar e estudar cartas.

O suporte eletrônico, por sua vez, aos poucos entra na dinâmica de alguns centros de pesquisa no Brasil, prestando serviços de grande valor sobretudo para a formação de arquivos e bibliotecas digitais.² Mas ainda pode haver um esforço que empregue novas tecnologias tendo em vista o estabelecimento de modelos editoriais metodologicamente consistentes, que agreguem comprometimento filológico e leitura empenhada de extensos conjuntos, quer seja pela anotação exegética, quer seja pela elaboração de estudos críticos. Esse pode ser um caminho possível para empreender aquela junção de esforços no sentido de aliar interesse em editar criticamente material de arquivo e ensaiar leituras de conjuntos de amplo interesse para um vasto campo multidisciplinar. E, no cenário brasileiro, sem dúvida alguma, há um longo caminho a ser explorado.

Nesse sentido, conectar uma *expertise* editorial no trato de correspondência, que emerge de agrupamentos, geralmente de origem acadêmica, altamente especializados e comprometidos com o assunto, à tendência filológica atual, que aponta para a necessidade de se produzirem edições críticas com extenso aparato filológico e exegético em suporte digital, é certamente um caminho promissor a ser explorado pelos pesquisadores brasileiros dedicados ao estudos e à edição da epistolografia de escritores. De fato, cada vez mais se apela à necessidade de congregação informatização e edição crítica de correspondência. “*L’édition des correspondances est plus que toute autre*

2 Nesse sentido, é digno de nota o trabalho realizado pelo Museu Lasar Segall. Cf. site disponível em: <<http://mls.gov.br/als/index.php/catalogo-online/>>. Acesso em maio 2014.

concerne par les mutations introduites par les nouvelles technologies. L'édition électronique paraît particulièrement adaptée à ce texte discontinu [...]", afirmam os organizadores do *Colloque International Éditer les Correspondances* e do dossiê especial sobre correspondência, da revista *Epistolaire* [n.33], François Bessire e Yvan Leclerc.³ A pesquisa no Brasil pode dar uma contribuição importante ao debate internacional sobre edições críticas digitais, ratificando que a junção de perspectivas e a abertura às novas tecnologias, sobretudo quando lançam renovada luz a um material de arquivo múltiplo e desafiador, podem impactar não só os trabalhos universitários sobre o tema, mas também facilitar a divulgação de materiais de grande interesse que, de outro modo, poderiam ficar circunscritos à academia ou a bibliotecas especializadas com acesso limitado, por conta do estado sempre precário de conservação desse tipo de documento.

Os trabalhos realizados ao redor da carta têm prosperado internacionalmente. Das iniciativas editoriais em curso que podemos desde já apontar, o leitor brasileiro pode facilmente acessar o projeto de edição da correspondência de Gustave Flaubert [1821-1880], sob a responsabilidade de D. Girald e Y. Leclerc.⁴ Inclusive, o diretor do Centre Flaubert, Yvan Leclerc, publicou, na *Revue Epistolaire* [n.27], o interessante artigo "La correspondance de Flaubert", que demonstra o continuado interesse editorial, em perspectiva diacrônica, por cartas do escritor, desde o século XIX, culminando com o trabalho recente, coletivo e complexo, vindo a lume pelo empreendimento editorial promovido pela Pléiade com a colaboração de membros do referido centro, sediado na Université de Rouen: "*Toutes ces entreprises alimentent le projet d'une vaste correspondance (vraiment) générale, polyphonique, aux ramifications multiples, connectée*

3 O colóquio ocorreu em 22 e 23 de março de 2007, na Université à Mont-Saint-Aignan, promovido pelo CÉRÉDI e a AIRE. Disponível em: <<http://ceredi.labos.univ-rouen.fr/main/?editer-les-correspondances.html>>. Acesso em maio 2014. Cf. revista da AIRE que reúne trabalhos apresentados no colóquio, intitulada EPISTOLAIRE (2007), em especial a seção "Édition électronique".

4 Cf. site do Centre Flaubert, disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr>>. Acesso em maio 2014. Lá é possível encontrar a edição eletrônica da correspondência de Flaubert, datada de 1830 a 1880, com base na edição em 9 volumes da Louis Conard, publicada entre 1926 e 1930. No site estão elencadas as 1992 cartas, contudo, sem aparato crítico. Também se pode encontrar referência a outros projetos de publicação eletrônica envolvendo cartas de Flaubert. A edição mais recente da correspondência do autor, publicada na Bibliothèque de la Pléiade, saiu em 5 volumes, entre 1973 e 2007.

de proche en proche avec les autres grands corpus épistolaires du XIXe siècle".⁵ O esforço permanente de integração em corpora epistolares complexos deixa traços marcantes desde as edições impressas, as quais podem se migrar e se otimizar em ambiente virtual. Assim, um dos desafios editoriais mais prementes quando se aborda o texto epistolar é reunir um vasto conjunto de textos maximizando a lógica hipertextual, ao integrar textos, imagens e aparato crítico de modo constelar, o que ainda pode ser desenvolvido no âmbito da correspondência eletrônica de Flaubert.

Citando alguns exemplos em formato digital, vale mencionar o esforços conjuntos do CÉRÉDI e do CELLF 16-21 (Paris-Sorbonne) para realizar a nova *Édition des Lettres de Juliette Drouet [1806-1883] à Victor Hugo [1802-1885]*, gênero híbrido na medida em que funciona mais como um diário pessoal, uma conversa solitária com o interlocutor.⁶ Outro exemplo, que avança a preocupação com a divulgação pelo emprego de hipertexto, com ampla processabilidade dos textos e interoperabilidade entre diferentes sistemas e plataformas, é a *Édition électronique de la correspondance de Pierre Bayle [1647-1706]*, produzida sob a direção dos pesquisadores Antony McKenna⁷ e Fabienne Vial-Bonacci, com o apoio do Institut Claude Longeon, do IHPC (Institut d'Histoire de la Pensée Classique) e do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). O projeto optou pela convenção internacional TEI (Text Encoding Initiative) (BURNARD; BAUMAN, 2012), de modo a garantir a boa integração de arquivos eletrônicos e sua perenidade, tendência que podemos notar em outros projetos internacionais dedicados à publicação eletrônica de cartas.

Vale dizer que a convenção TEI é comumente empregada na edição crítica digital de textos, como é possível notar por diversos projetos amadurecidos em ambiente acadêmico. Cite-se, nesse sentido, o projeto em curso "Arquivo Digital do *Livro do*

5 Segunda versão do artigo está disponível em: < <http://flaubert.univ-rouen.fr/etudes/edcorr.pdf>>. Acesso em maio 2014.

6 As cartas podem ser acessadas no site: < <http://www.juliettedrouet.org/lettres/#.U4TI1JRdXIQ>>. Acesso em maio 2014.

7 Cf. também artigo "L'édition hypertexte de la correspondance de Pierre Bayle", de Antony McKenna, da Université de Saint-Étienne-Institut Claude Longeon, na revista EPISTOLAIRE (2007).

Desassossego”, que tem por objetivo a criação de um arquivo digital hipermídia dedicado ao *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares-Fernando Pessoa, sob a coordenação de Manuel Portela, da Universidade de Coimbra (PORTELA, 2013). Especificamente no âmbito da publicação de cartas, a convenção TEI encontra-se em outras iniciativas bem-sucedidas, tais como os projetos de Rita Marquilhas, da Universidade de Lisboa, que se voltam para formar corpora extensos de cartas, a saber: o FLY⁸ (“Cartas Esquecidas”, que engloba edição e estudo interdisciplinar de 2.000 cartas portuguesas escritas em contexto de guerra, emigração, prisão ou exílio, entre 1900 e 1974), o CARDS⁹ (“Cartas Desconhecidas”, conservadas nos arquivos da Casa da Suplicação, da Inquisição Portuguesa, no Arquivo Distrital de Bragança e em Arquivos de Família sob a guarda da Torre do Tombo) e o “Post Scriptum”¹⁰ (com enfoque em cartas privadas escritas em Portugal e Espanha na Idade Moderna, projeto nascido do CARDS) (Cf. MARQUILHAS, 2009).¹¹ Por sua vez, Marquilhas – cujo projeto “Post Scriptum” foi um dos contemplados, em 2012, com um substancial aporte financeiro pelo Conselho Europeu de Investigação, organismo da União Europeia – aponta também como modelo de edição de cartas o projeto DALF (Digital Archive of Letters in Flanders), dedicado à correspondência trocada por escritores e compositores da região de Flandres com seus pares, críticos, ilustradores, editores, familiares etc. ao longo dos séculos XIX e XX, cujo manual pode ser encontrado no Centrum voor Teksteditie en Bronnenstudie (Centro de Edições Acadêmicas e Estudos Documentais), sediado em Gent, Bélgica.¹² O arquivo “Van Nu en Straks. De Brieven” (“De agora em diante. Cartas”), ligado a este centro, apresenta um corpus de 1.419 cartas cuidadosamente editadas por Bert Van Raemdonck (Cf. RAEMDONCK, 2011). O Arquivo conseguiu agregar esmerada transcrição diplomática

8 Disponível em: < <http://fly.clul.ul.pt/index.php?page=showLetter>>. Acesso em maio 2014.

9 Disponível em: < <http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/179-c-a-r-d-s-cartas-desconhecidas-unknown-letters>>. Acesso em maio 2014.

10 Disponível em: < <http://ps.clul.ul.pt/index.php?page=downloads>>. Acesso em maio 2014.

11 Também foi publicado extenso e detalhado “Manual de Codificação dos Dados dos Projetos CARDS e FLY” em: < <http://ps.clul.ul.pt/index.php?page=downloads>>. Acesso em maio 2014.

12 O Centrum voor Teksteditie en Bronnenstudie, ligado à Real Academia de Língua e Literatura Holandesa, também publicou seu manual para edição eletrônica de cartas (Cf. VANHOUTTE; BRANDEN, 2003), considerado uma espécie de extensão do padrão de codificação proposto pela TEI.

das cartas, acompanhada por aparato crítico, descrição material do documento e sua reprodução fac-similar.

Neste breve panorama sobre edição de cartas em formato digital, não poderia deixar de citar belos trabalhos editoriais realizados com a correspondência de artistas. Promissores são os objetivos traçados pelo projeto “Correspondance d’Eugène Delacroix [1798-1863]”,¹³ em seu intuito de reunir a correspondência do artista dispersa em inúmeros arquivos parisienses, tais como a Bibliothèque de l’INHA (Institut National d’Histoire de l’Art), a Bibliothèque Centrale des Musée Nationaux, a Fondation Custodia e o Musée Delacroix. O projeto é dirigido por Barthélémy Jobert, presidente da Université Paris IV-Sorbonne, e produzido por pesquisadores do Centre André Chastel, unidade mista do CNRS e da Université de Paris-Sorbonne – Paris IV, com parceria da Agence Nationale de la Recherche e do Musée Delacroix. Outro notável trabalho editorial foi conduzido pelo Centre for Whistler Studies, University of Glasgow, com a correspondência do artista James McNeill Whistler [1834-1903], sob a organização de Margaret F. MacDonald, Patricia de Montfort e Nigel Thorp [2003-2010].¹⁴ Aqui, a transcrição diplomática das cartas acompanha extensa anotação, que se repete em cada peça editada, preparada para ser lida de modo independente.

E, fechando este pequeno repertório – que, lembre-se, não pretende esgotar o assunto, mas apenas oferecer alguns dados para reflexão sobre o estado atual de publicação de correspondência em meio digital –, gostaria de mencionar o vultoso projeto das cartas de Vincent van Gogh [1853-1890],¹⁵ que podem ser conferidas em formato impresso e em suporte digital. A edição, preparada por Leo Jansen, Hans Luitjen e Nienke Bakler ao longo de 15 anos, não é sabidamente a primeira das cartas do pintor, mas é

13 Disponível em: <<http://www.correspondance-delacroix.fr/>>. Acesso em maio 2014.

14 Disponível em: <<http://www.whistler.arts.gla.ac.uk/>>. Acesso em maio 2014.

15 O resultado da junção de esforços do Museu Van Gogh com o Instituut voor Nederlandse Geschiedenis (ING, Instituto Holandês de História), especializado em edições críticas, pode ser consultado em: <<http://vangoghletters.org/vg/>>. Acesso em maio 2014.

considerada a mais completa.¹⁶ Uma equipe de tradutores levou a cabo um amplo projeto de tradução de todas as cartas conhecidas do pintor para serem apresentadas em holandês, francês e inglês, guiado pelo objetivo da “absoluta fidelidade” ao original tendo por base a nova transcrição – diga-se que as missivas foram escritas originalmente em holandês, francês ou inglês. O epistolário, publicado em seis extensos volumes, está integrado com a reprodução das obras mencionadas pelo artista e, além disso, todas as cartas ilustradas encontram-se reproduzidas em modo fac-similar, totalizando mais de 4.000 mil ilustrações (Cf. JANSEN; LUIJTEN; BAKKER, 2009A). A edição apresenta 819 cartas escritas por Van Gogh e 83 cartas enviadas a ele por Theo van Gogh, Paul Gauguin, Paul Signac e outros. A edição eletrônica, por sua vez, pode ser consultada no site “Vincent van Gogh. The Letters” (Cf. JANSEN; LUIJTEN; BAKKER, 2009B). A correspondência disponível na web, adotando a convenção TEI, apresenta cuidadosa transcrição das cartas enviadas e recebidas por Van Gogh e exaustivo aparato crítico, bem como reprodução fac-similar da correspondência e rica iconografia, inclusive com obras do pintor.¹⁷ Ela, portanto, segue os parâmetros definidos para a edição em papel, dinamizando justamente as possibilidades de leitura pela celeridade com que é possível estabelecer conexões constelares entre cartas, ilustrações, notas de edição, notas exegéticas etc.

Se pudéssemos comparar essa edição com algumas das mais eloquentes edições de cartas brasileiras, um ponto, em especial, chama a atenção. Há a manifesta tentativa de não dar vazão a uma fluidez interpretativa no processo de anotação: “*The annotations are as concise and neutral as possible. The aim is to elucidate obscure references and*

16 Grand Prix na categoria de Pesquisa – European Union Prize for Cultural Heritage 2010; Apollo Book Award; the Spear’s Book Award; the Banister Fletcher Book Award. Cf. dados em: <<http://www.vangoghmuseum.nl/vgm/index.jsp?page=200942&lang=en>>. Também recebeu menção honrosa no XI Morton N. Cohen Award, oferecido a uma “Distinguished Edition of Letters”, anunciado durante a convenção anual de janeiro de 2012 da MLA (Modern Language Association), com o seguinte parecer editorial: “... is a work of art in itself and is an extension and consolidation of a long history of editions of Van Gogh’s letters. ... This rich new edition is in every way a treasure to behold”. Disponível em: <<http://library.constantcontact.com/download/get/file/1102018840316-126/MNC-FehsenfeldOverbeck.pdf>>. Acesso em jun. 2014.

17 Disponível em: <<http://vangoghletters.org/vg/>>. Acesso em maio 2014.

improve understanding of the letters”,¹⁸ afirmam seus organizadores. Como contraponto, algumas edições brasileiras imprimem um caráter tendente ao ensaístico, com bons resultados, por meio do recurso da anotação, permitindo inclusive lançar novas possibilidades de leitura de caráter indisciplinar, mormente quando o assunto são as produções modernistas, que pendem, consciente e por vezes programaticamente, para expandir as fronteiras do saber disciplinar. Basta conferir edições tais como *Carlos e Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade* (2002), anotada por Silvano Santiago, *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira* (2000), organizada por Marcos Antonio de Moraes, *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*, organizada por Aracy Amaral, e *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência* (2012), organizada por Pedro Meira Monteiro, para notar essa presença ensaística – diferenciada, por certo, nos distintos trabalhos – da voz dos organizadores, minorada ou neutralizada propositalmente na nova edição das cartas de Van Gogh. Por outro lado, as cartas de Van Gogh esmiúçam cuidadosamente detalhes inerentes à época, como costumes, datas festivas, publicações, relações familiares etc. Na edição eletrônica, o que resulta em boa solução para não sobrecarregar a anotação com detalhes textuais foi apresentar uma versão “não-normalizada” do texto fiel ao manuscrito, que se encontra ao lado do texto de leitura em sua versão final (o “reading text”). A comparação pretende ser pertinente justamente porque o que estamos confrontando são modos diferentes de editar correspondência, reputados em todos os casos como excelentes pelo público e pela academia, que tomaram corpo a partir dos anos 1990. No que respeita ao caso Van Gogh, o que acredito ser ainda digno de menção é que a própria equipe alterou os rumos editoriais ao encampar também a edição eletrônica – e sem descolar uma realização da outra –, sendo pioneiros na busca por aliar, de modo ousado e comprometido, *beauty and use*, sobre o qual falaremos a seguir. Num certo sentido, é como se, ao sedimentar o trabalho editorial, transmitissem ao leitor uma possibilidade maior de alçar voos interpretativos que o formato editorial tradicionalmente nem sempre tem estimulado, apesar de o texto da

18 Cf. seção “About this edition” publicada em: JANSEN; LUIJTEN; BAKKER, 2009B. Disponível em: <http://vangoghletters.org/vg/about_5.html>. Acesso em jun. 2014.

“carta”, de modo incontestável, fazer reverberar diferentes universos em suas entrelinhas. Essa condição é enfrentada por alguns organizadores brasileiros, que a demonstram sobretudo por meio do recurso do rodapé, com número considerável de “nós”, de ligações, o que presentifica com força, por sua vez, a ideia de hipertextualidade analógica, independentemente da edição digital – mas que, por óbvio, poderia ser igualmente encampada e explorada, com êxito, por projetos de edição eletrônica de cartas.

A propósito, Marianne Jakobi, em seu artigo “L’édition électronique des lettres d’artistes: le cas van Gogh”, aponta para uma nova categoria de cartas, a “hipercarta”, ao permitir interrogar “*les liens inextricables entre littérature, écriture, dessin et peinture*” : “*L’envergure du corpus d’images mis en lien avec la correspondance participe à l’émergence d’une nouvelle catégorie de lettre – des hyperlettres*”, as quais, segundo a autora, “*associent de multiples critères d’analyse à celui des manuscrits*” (JAKOBI, 2013). Note-se que o conceito, preciso ao sugerir a multiplicidade de exploração de uma carta, só poderia ser cunhado no contexto da era digital. Impresso ou eletrônico, um projeto editorial centrado em correspondência certamente não poderá escapar das múltiplas reverberações, das janelas epistolares intermináveis, que se abrem para o leitor de hoje.¹⁹

“*Designing and executing editorial and archival projects in digital forms are now taking place and will proliferate*”: consideremos como certa esta afirmação de Jerome McGann – que, inclusive, coordenou pioneiramente um arquivo hipermídia, o *The Rossetti Archive*, editando, dentre outros materiais, a correspondência do pintor e escritor Dante Gabriel Rossetti [1828-1882], em estreito diálogo com o organizador da edição de suas cartas impressas, W. E. Fredeman. Seria urgente, aproveitando suas palavras, aprofundar o conhecimento do *design* lógico sem descuidar do *design* da interface, que promove a interação dinâmica com o leitor. Aliando *beauty and use*, a edição da epistolografia de escritores modernos que lance mão de rica iconografia e, conforme a pertinência, som e imagem em movimento, que estabeleça ligações constelares com outros textos e obras

19 Ainda é possível destacar outros projetos com cartas em formato digital, tais como o *Electronic Enlightenment Project* (Bodleian Libraries, University of Oxford, Oxford, 2008-2014) e o projeto *Epístol@* (Corpus Epistolar de la Edad de Plata, Residencia de Estudiantes, Madrid, em curso). Cf. <<http://www.e-enlightenment.com/>> e <<http://www.janusdigital.es/anexos/contribucion.htm?id=18>>.

do remetente, do destinatário e de outros personagens citados no corpo da carta, lançaria a outro patamar qualquer trabalho editorial. Isso sem falar, obviamente, no estabelecimento de índices temáticos e onomásticos exaustivos, otimizando, portanto, o sistema de relações intra e intertextuais.

Futuras produções editoriais eletrônicas devem buscar levar a bom termo essa junção entre *design* lógico e *design* de interface. Especificamente no âmbito do preparo de edições de correspondência de escritores, artistas e intelectuais, há inúmeros desafios próprios do tipo de texto, mas a complexidade é ainda maior no caso de textos nunca preparados para publicação em vida do autor.²⁰ Em busca de “*une union parfaite des textes et de la technologie*”, de uma “*tentative d’opérer une fusion entre le texte et la technologie de sorte que chacun des deux soit le mieux possible adapté à l’autre*”,²¹ poderíamos elevar a qualidade de pesquisas dedicadas a produções críticas em suporte digital. Nesse sentido, as cartas, talvez como nenhum outro material, apresentariam um forte apelo simulatório,²² por certo bem abordável em plataforma digital, de tal modo que, ao final, poderiam ganhar voz, vida, a qual invariavelmente pulsa, em maior ou menor grau, na sussurrante conversa entre remetente e destinatário que elas encenam e da qual, de algum modo, somos cúmplices atentos, como editores ou leitores.

20 Porém, quando edições se multiplicam ante e post-mortem, poderia explorar-se o método descrito por Manuel Portela, ao propor a interconexão das dimensões genética (a construção do texto pelo autor), social (a construção do texto pelos editores) e virtual (a construção do texto pelos leitores). Cf. PORTELA, 2013, p.12.

21 Cf. conceito “*technologie d’érudition*” abordado por Damian-Grint em seu artigo “*Electronic Enlightenment: une technologie d’érudition au service de la recherche voltairiste*” (2009, p.150). Cf. também seu texto “*Eighteenth-century literature in English and other languages: image, text and hypertext*” (2007, p.106-120).

22 Penso, nesse sentido, na diferenciação proposital entre o impresso (mais linear e fechado) e os media digitais, com sua capacidade maior de organizar os conteúdos de modo interativo e hipertextual. (Cf. RONCAGLIA, 2001; e FURTADO, 2007). Os trabalhos recentes de organização de correspondência realizados no Brasil, elaborados, por exemplo, pela equipe Correspondência de Mário de Andrade, ou mesmo minha tese de doutorado, apesar de serem impressos ou típicos desse meio mais linear, já apontam para uma necessidade de organização radial típica do espaço digital, pelas múltiplas redes que buscam construir. O ideal simulatório que pode permear arquivos digitais foi bem expresso por Manuel Portela ao discorrer sobre seu projeto do arquivo digital do *Livro do Desassossego*: “a reimaginação do arquivo como constelação radial e distribuída de simulações interativas, isto é, a concretização de uma experiência conceptual que procura reinventar o meio digital para além do horizonte da codificação bibliográfica”. (PORTELA, 2013, p.28).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURNARD, L. & BAUMAN, S. (Eds.) **TEI P5: Guidelines for Electronic Text Encoding and Exchange**. Charlottesville, Virginia: TEI Consortium, 2012. Disponível em: <<http://www.tei-c.org>>. Acesso em maio 2014.

CRANE, G.; BAMMAN, D. & JONES, A. ePhilology: When the books talk to their readers. In: A COMPANION to Digital Literary Studies. Ed. S. Schreibman and R. Siemens. Oxford: Blackwell, 2008. Disponível em: <<http://www.digitalhumanities.org/companionDLS/>>. Acesso em maio 2014.

DAMIAN-GRINT, P. Eighteenth-century literature in English and other languages: image, text and hypertext. In: A COMPANION to Digital Literary Studies. Oxford: Blackwells, 2007. p.106-120.

_____. *Eletronic Enlightenment: une technologie d'érudition au service de la recherche voltairiste*. **Revue Voltaire**, n.9, 145-155, 2009.

EPISTOLAIRE. Revue de l'AIRE. Dossier Éditer les correspondances. Présentation: Geneviève Haroche-Bouzinac. Paris, AIRE, n.33, 2007.

FURTADO, J. A. **Papel e o Pixel. Do impresso ao digital: continuidades e transformações**. Lisboa: Ariadne, 2007.

JAKOBI, M. L'édition électronique des lettres d'artistes: le cas Van Gogh. **Perspective**, n. 2, p.807-813, 2011. Disponível em: <<http://perspective.revues.org/814>>. Acesso em maio 2014.

JANSEN, L.; LUIJTEN, H. & BAKKER, N. (Eds.). **Vincent van Gogh – The Letters: The Complete Illustrated and Annotated Edition**. Amsterdam & The Hague: Van Gogh Museum, Huygens Institute and Mercatorfonds. Co-edição: Amsterdam University Press (Dutch), Thames & Hudson (English) e Actes Sud (French), 2009A.

_____. **Vincent van Gogh – The Letters**. Amsterdam & The Hague: Van Gogh Museum & Huygens ING, 2009B (version Dec. 2010). Disponível em: <<http://vangoghletters.org>>. Acesso em maio 2014.

MARQUILHAS, R. *Eu ainda sou vivo*. Sobre a edição e análise linguística de cartas de gente vulgar. **Estudos de Linguística Galega** 1, p.47-65, 2009.

McGANN, J. **A New Republic of Letters: Memory and Scholarship in the Age of Digital Reproduction**. Harvard: Harvard Univ. Press, 2014.

_____. Textonics: Literary and Cultural Studies in a Quantum World. **Ciberscopio**, Coimbra, p.1-19, maio 2003. Disponível em: <http://www.ciberscopio.net/artigos/tema2/clit_01.pdf>. Acesso em maio 2014.

PORTELA, M. 'Nenhum Problema Tem solução': Um Arquivo Digital do *Livro do Desassossego*. **MATLIT 1.1**, p.9-33, 2013.

RAEMDONCK, B. Van. **From Now and Later. Letters. Electronic edition of the correspondence from around Now and Later**. 2011. Disponível em: <<http://www.vnsbrieven.org>>. Acesso em maio 2014.

RONCAGLIA, G. Libri elettronici: problemi e prospettive. **Bollettino AIB. Rivista italiana di biblioteconomia**, v.41, n.4, 2001.

TERRAS, M.; VAN DEN BRANDEN, R.; VANHOUTTE, E. Teaching TEI: The Need for TEI by Example. **Literary and Linguistic Computing**, v.24, p.297-306, may 2009. Disponível em: <<http://llc.oxfordjournals.org/cgi/content/abstract/fqp018?ijkey=deB17DJBT3YKBEX&keytype=ref>>. Acesso em maio 2014.

VANHOUTTE, E. & BRANDEN, R. Van den (Eds.). **DALF guidelines for the description and encoding of modern correspondence material Version 1.0**. Gent: CTB-KANTL, 2003. Disponível em: <<http://ctb.kantl.be/project/dalf/dalfdoc/index.html>>. Acesso em maio 2014.

SOBRE A AUTORA:

Pós-doutoranda – Instituto de Estudos Brasileiros – USP – Universidade de São Paulo. Mestre e doutora pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), tem pós-doutorado pela Università degli Studi di Roma “La Sapienza” e pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP). Sua tese, *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, recebeu o Prêmio Capes de Tese 2009 na área de Letras e Linguística. Atualmente desenvolve pós-doutorado com bolsa CAPES e pesquisa a relação entre edições de correspondência e novas tecnologias no âmbito do projeto *Artífices da correspondência: procedimentos teóricos, metodológicos e críticos de edição de cartas*, sob a coordenação do Prof. Dr. Marcos A. de Moraes (IEB-USP) e da Profa. Dra. Claudia Poncioni (CREPAL – Sorbonne Nouvelle, Paris 3), convênio USP-COFECUB. E-mail: silmoreli@usp.br.